



10º Simposio de Ensino de Graduação

A LINGUAGEM TELEVISIVA E SUAS VARIANTES LINGUÍSTICAS

Autor(es)

MARIANA TONELLI PERFETTI

Co-Autor(es)

RENAN SPOLIDORIO

Orientador(es)

DANIELLE MAXIMO PLENS PINELLI

1. Introdução

Para Mauricio Gnerre (1987), a linguagem tem como função não apenas informar, mas mostrar qual é o lugar que o falante ocupa na sociedade em que vive. A partir disso, é possível também que o mesmo tipo de linguagem utilizado para comunicar, tenha a função de barrar certos tipos de informação, que acabam restritas a apenas uma parcela da sociedade: àquela que possui conhecimento suficiente para compreender a variante linguística utilizada. Estes muros, propagados muitas vezes de forma inconsciente, acabam por intensificar ainda mais as desigualdades sociais já existentes em países como o Brasil historicamente marcado não somente por lacunas econômicas, mas intelectuais. Estudiosos como Marcos Bagno (1999) afirmam que são estas barreiras, cada vez mais reafirmadas pela forma ultrapassada como a língua materna é ensinada nas escolas, uma das responsáveis por manter a lacuna existente entre os que possuem o domínio da norma culta do português, e os que utilizam variantes muitas vezes estigmatizadas de nossa língua. A análise que se segue tem como objetivo não somente mostrar as diferentes variáveis linguísticas observadas nos programas Roda Viva (TV Cultura, dia 14/05/2012) e Programa do Ratinho (SBT, dia 20/01/2012), mas demonstrar que é possível, com o poder da mídia, reforçar certos preconceitos e reproduzir, de forma cíclica, variantes estigmatizadas, mantendo o público fechado a um tipo específico de fala. Escolhemos esse corpus também, em virtude da oportunidade de se verificar a variação linguística presente na televisão, considerando as diferenças demarcadas pela oralidade de seus participantes. Para sustentar a análise, serão utilizadas principalmente as teorias encontradas nos livros Linguagem, escrita e poder (Gnerre, 2009), Preconceito Linguístico (Bagno), Norma culta brasileira (Faraco) e Introdução à linguística (Fiorin).

2. Objetivos

Esse trabalho tem como objetivo apresentar as variedades linguísticas encontradas nos programas Roda Viva (TV Cultura, dia 14/05/2012) e Programa do Ratinho (SBT, dia 20/01/2012), tendo em vista seus diferentes participantes, bem como os telespectadores que os assistem.

3. Desenvolvimento

A corrente Sociolinguística surgiu nos anos 1960 com William Labov e prevê a identificação, descrição e interpretação, bem como as

causas do aparecimento de diferentes variáveis linguísticas dentro de uma sociedade formada por falantes de uma mesma língua. Para isso, leva-se em conta o contexto em que o falante está no momento em que a fala é registrada. É importante ressaltar que essa corrente não ignora as normas da gramática normativa, mas reconhece que existe a variedade culta da língua, sua importância e que existem também diferentes falantes situações sociais, sendo, portanto, natural de uma mesma língua falada (Bagnó, 1999). A esse respeito, podemos observar as variedades linguísticas propostas por Alkimm (2001), por exemplo, que se classificam como a variação histórica, a qual evidencia as mudanças ocorridas com a língua ao longo do tempo, a variação diatópica, que se refere às diferenças do léxico, por exemplo, de falantes pertencentes às diversas origens geográficas e a variação diastrática, caracterizada também como variação social, por envolver mudanças que ocorrem a partir da diferença de idade, sexo, classe social ou do contexto interacional ocupado pelos falantes. Cabe acrescentar que a norma culta, também é considerada uma variedade da língua, como aponta Faraco (2005).

4. Resultado e Discussão

O Programa do Ratinho, exibido pela emissora de televisão SBT, de segunda a sexta feira, às 21h30 é considerado de entretenimento, visivelmente voltado para a Classe Social C de telespectadores. É possível notar este fato, pois o apresentador Ratinho, e as matérias exibidas na atração, se apropriam de uma linguagem informal, o que aproxima o programa de seus telespectadores. Já o programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura todas as segundas-feiras, às 22h10 é composto geralmente por entrevistas e debates com seu público alvo focado em pessoas que possuam grau mais elevado de letramento. É possível notar este fato, pois o programa tem entre sua lista de entrevistados líderes políticos, filósofos, músicos, escritores e outros intelectuais que, notoriamente, são importantes para o Brasil e o mundo. Como observado especificamente nos dias 20/01/2012 e 14/05/2012, (vídeos em anexo), existem diferenças fundamentais nas estruturas e formas de linguagem utilizadas nos dois programas. O Programa do Ratinho, além de possuir muitos recursos audiovisuais, também prevê intensa interação entre o apresentador, os convidados e a platéia. Além disso, seus convidados, quando não pertencem à classe artística mais popular do país, são cidadãos comuns a procura de algum tipo de ajuda (exames de DNA, auxílio monetário, etc). O programa Roda Viva, no entanto, se afasta completamente desse formato, trazendo apenas um convidado (no caso analisado, o deputado Marcelo Freixo) a ser entrevistado e diversos entrevistadores (que geralmente são profissionais atuantes em veículos de imprensa respeitados). Não existe, nesse caso, platéia e a interação com o público do programa é feita através da internet. Se no Programa do Ratinho os assuntos são do cotidiano, tratados de forma leve muitas vezes satirizada, o Roda Viva, por sua vez, aborda temas polêmicos e, em sua maioria, politizados e de forma séria. Ao analisarmos os respectivos vídeos dos programas, foi possível notar a clara diferença existente nas variáveis linguísticas utilizadas pelos falantes ali presentes. Dos tipos de variação apontados por Martelotta (2010), dois são mais evidentes ao observarmos os dois blocos analisados: as variações social e estilística, exemplificadas em falas como depois desses rala e rola (Programa do Ratinho) e eu queria que o senhor explicitasse como se age (Roda Viva). Ratinho e seus personagens interagem com seu público e entrevistados utilizando gírias conhecidas pelas classes mais pobres sem preocupação com o emprego das normas gramaticais, como em O Abacaxi ficou lá no txuqui txuqui txuqui, cêis tão tomando um goro lá ainda? e as pessoas comentam que o filho é do Musquito. Com isso, o programa consegue atingir plenamente o público que deseja, já que traz consigo a linguagem falada informal. Em Roda Viva, tanto entrevistado quanto entrevistadores utilizam a chamada Norma Culta da Língua ou, como afirma Farraco (2005), estilo mais monitorado da fala, com momentos em que deixam de lado as normas gramaticais, mas sempre se mantendo distante de gírias e procurando falar de forma direta, de modo a não criar possibilidades de ambigüidade em suas falas, o que pode ser exemplificado em momentos como qual é o investimento que você tem no enfrentamento ao tráfico? e não dá para romantizar o tráfico. Apesar de atingirem com excelência o público que desejam, os dois programas, por possuírem variações linguísticas socioeconômicas e estilísticas tão marcadas (além das diferenças nos temas tratados), acabam por excluir outros espectadores que poderiam surgir. Uma pessoa com maior formação intelectual poderia, por muitas vezes, se perder entre falas como só que a mina era vidrada em outro e cê bota uma fé, mano?, utilizadas pela produção do Ratinho. Já a TV Cultura, que sempre afirmou procurar levar a informação para todos os públicos, acabou por se fechar nas classes mais escolarizadas, utilizando termos como se alardeia, investimento do capital privado e no mínimo, coniventes. O que é encontrado, portanto, é que o Programa do Ratinho não só fala a uma classe mais baixa como retrata seu comportamento linguístico, enquanto o Roda Viva, apesar de tentar se relacionar com espectadores de diversas classes acaba por se manter fechado a um público mais escolarizado e, portanto, economicamente superior ao do Ratinho. Em decorrência disso, os temas abordados pela TV Cultura que seriam, em sua maioria, pertinentes a grande parte dos brasileiros se tornam distantes da maior parcela da população, que permanece relegada a assuntos como testes de DNA, casos religiosos e brigas familiares, acentuando, cada vez mais, as diferenças sociais já existentes.

5. Considerações Finais

Os programas analisados interagem de forma clara com seus públicos. No caso do Roda Viva, no entanto, essa conversa poderia ser feita de forma a atingir outros espectadores, já que os assuntos retratados nele são, em sua maioria, importantes a toda população tendo cunho político e social. Por ser a TV Cultura uma emissora mantida pelo poder público do estado de São Paulo, é de se esperar que os programas produzidos por ela tenham alcance real dentre os mais variados públicos de falantes. Existe claramente um

afastamento em relação às variações linguísticas utilizadas pelos dois programas uma se aproximando mais do popular e a outra, das classes mais intelectualizadas. Pode-se pressupor que esse afastamento seja proposital, de forma a manter os públicos dos dois programas fechados as suas classes e interesses, sendo utilizada, portanto, a linguagem como uma barreira para o alcance de outros espectadores. O programa Roda Viva, por ser produzido e dirigido a uma mesma classe de falantes (mais escolarizada), possui linguagem homogênea o que não deveria acontecer, enquanto o Programa do Ratinho, apesar de muitas vezes utilizar variantes estigmatizadas, ajuda a reforçar certos preconceitos linguísticos quando faz uso de recursos que ironizam as falas de seus convidados.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, M. Preconceito linguístico o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FARACO, C. A. Norma culta brasileira desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2005.
- FIORIN, J. L. (org.). Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2010.
- GNERRE, M. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MARTELOTTA, M. E. (org) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto 2012.
- MUSSALIN, F.; BENTES, A, (orgs). Introdução à Linguística. Domínios e Fronteiras. Vol 1. São Paulo: Cortez, 2005.